



Revista Massapê: desconstruindo a Zona da Mata pernambucana ¹

André Antônio BARBOSA²

Aristeu PORTELA³

Carlysângela FALCÃO⁴

Giselle SILVÉRIO⁵

Helena ALENCAR⁶

Wilma MORAIS⁷

Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife/PE

RESUMO

Lançar um olhar sobre a microrregião da Zona da Mata de Pernambuco e seus problemas é a proposta da Revista Massapê, que busca, a partir do resgate de marcas históricas e memórias afetivas dos seus habitantes e filhos ilustres, resgatar os traços que a diferenciam das demais regiões do Estado. Os temas foram colocados de forma a provocar a reflexão entre novo e antigo, o que mudou e o que permaneceu, tentando acender uma perspectiva crítica sobre o local e fugir das imagens senso comum há muito arraigadas.

PALAVRAS-CHAVE: Zona da Mata/PE; comunicação; memória; história.

1. Introdução

Em obra clássica, o historiador Jacques Le Goff afirma que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 410, grifo do autor). Várias discussões resgatadas pelo autor em relação à historiografia se aplicam ao campo do jornalismo, tais como a sobreposição de relatos (memórias) sobre os documentos e dados, a valorização da subjetividade do indivíduo, a impossibilidade de alcançar a verdade ou de uma escrita completamente objetiva. Contudo, não se deve deixar cair no clichê do jornalismo como “ciência da

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Revista Impressa (avulso).

² Estudante do 9º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: andrebarbosa3@gmail.com.

³ Estudante do 9º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFPE, email: aristeu.portela@gmail.com.

⁴ Aluna líder do grupo e estudante do 9º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFPE, email: carlysangela@gmail.com.

⁵ Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UFPE/2009, e-mail: gisellesilverio88@hotmail.com.

⁶ Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UFPE/2009, e-mail:helenacalencar@gmail.com.

⁷ Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFPE, email: wilma_morais@uol.com.br.



história do cotidiano”. A notícia não necessariamente é história e tampouco tem obrigação de problematizar as questões ou buscar padrões, como a ciência histórica tem.

Mas assim como no estudo da história, no jornalismo o testemunho é a matéria-prima por excelência: relata a fonte, a testemunha ocular do fato; relata o sujeito escritor, quem conta a história a partir do que já ouviu ou leu; e uma época dá seu testemunho sobre a outra, já que o fato histórico possui o olhar do momento que o registrou. Como Le Goff, Benjamin percebia a importância da história subjetiva, como memória dos homens. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”, afirma (BENJAMIN, 1987, p. 222-223).

Assim, diante de um tema como a memória, o desafio é menos tentar reescrever um momento passado e mais compreender a repercussão atual desse momento, lançando o olhar contemporâneo às narrativas. E qual seria ambiente mais adequado a ter suas memórias pesquisadas que uma região pernambucana próxima ao polo mais dinâmico de Pernambuco – a capital do Estado, Recife – e ao mesmo tempo distante? Um local que nutre uma relação íntima com o desenvolvimento econômico inicial do Estado (quando era ainda capitania) e cujo cotidiano exala tradições há muito enterradas?

A Zona da Mata de Pernambuco tem 43 municípios distribuídos em uma área equivalente a cerca de 9% do território do Estado. Nessa região vivem mais de 1,2 milhão de pessoas, aproximadamente 15,2% da população pernambucana, a maior parte dela (69%) em zonas urbanas. Apesar disso, há índices impressionantes: na Mata Norte, a taxa de mortalidade infantil chega a 85 de cada mil crianças - a média estadual é de 62 por mil.

Em 2000, quase 90 mil pessoas saíram de cidades da Zona da Mata para outros municípios pernambucanos. A maioria delas deixou Carpina, Nazaré da Mata, Aliança e Palmares na direção do Recife e de outras cidades da Região Metropolitana. Além disso, na região, a proporção de analfabetos em 2000 era de 36%, com maiores proporções encontradas entre a população rural (48%). Apenas 64% dos domicílios estão conectados à rede de abastecimento de água, 33% contam com algum sistema de coleta e esgotamento sanitário relativamente adequado e 61% têm serviços de coleta de lixo.

A monocultura canavieira ocupa quase 450 mil hectares da região. Nos locais onde se situam unidades industriais que transformam a cana em açúcar, álcool, melaço e torta, o tamanho médio da unidade de produção agropecuária excede os 200 hectares, enquanto nos



municípios onde existe uma produção mais diversificada, o tamanho médio da unidade de produção decresce para menos de 50 hectares⁸.

A escolha da Zona da Mata pernambucana foi, então, uma tentativa de provocar os próprios repórteres a reverem suas memórias e as ideias que nutriam da região no contato com as memórias de seus representantes, além de reescrever a partir dos testemunhos colhidos as impressões que os partícipes ativos dessa história têm sobre eles mesmos. Entretanto, o trabalho de desconstrução costuma ser tão difícil quanto o próprio ato criador. E quando se trata de desmontar uma imagem gestada nos confins da história de um país, cotidianamente reforçada por diversos discursos simbólicos, o trabalho, mais árduo, reveste-se de importância e urgência raramente alcançadas. A luta que se trava pela construção de imagens alternativas, pela elaboração de outras visões sobre a realidade, não é menos importante, ou totalmente subordinada, às batalhas efetivas que se dão no plano material da vida.

É assim que a Revista Massapê⁹ caminha. Essa viagem desmistificadora pela Zona da Mata de Pernambuco começa com a história de Seu Alfredo, um ex-cortador de cana que faz questão de contar as lembranças de uma vida dura e vitoriosa no interior do estado. Num registro entre as três gerações da família (ele, o filho e o neto), que agora vive na Região Metropolitana do Recife, a matéria destaca o quão curiosa pode ser a história desses três homens que, seja por destino ou mera coincidência, tiveram a Zona da Mata como protagonista de seus enredos. E não se poderia falar na região sem incursionar pela história das Ligas Camponesas no Estado, sem apontar para a importância de uma luta política que, iniciada com a insubordinação dos camponeses em meados do século passado, prossegue hoje, de certa forma, com as reivindicações do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). E a desconstrução continua justamente aí, nas visitas a assentamentos do MST – e na compreensão, a partir do conhecido filme *Cabra Marcado para Morrer*, de que política e estética, mais que campos antagônicos, são, na verdade, complementares. Desconstrução que prossegue com a exposição daquilo que de mais característico as tradições culinárias da região produziram: as receitas gastronômicas passadas de pais para filhos. E em pequenas entrevistas com personalidades pernambucanas que, deixando a Zona da Mata, ainda permanecem, de certa forma, com ela incrustada em suas vidas.

⁸ Os dados apresentados estão disponíveis no site do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco (Promata): <http://www.promata.pe.gov.br>, acessado em 03 de maio de 2009.

⁹ Os autores optaram pela forma escrita “massapê” (nome de uma cidade no interior do Ceará) em detrimento de massapé (barro comum no solo da Zona da Mata pernambucana) por preservar a forma oral.



É justamente na busca de novos discursos, novas imagens, que mostramos as dores da realidade dos trabalhadores da Zona da Mata, os sacrifícios que precisam fazer e os sentimentos que guiam suas ações. Tentamos desvendar o que estaria por trás das manifestações culturais típicas da região e nos questionamos sobre o sentido das lutas políticas dessas pessoas, enxergando sempre esses sacrifícios, culturas e lutas com uma nova roupagem. Foi por meio desse olhar inquieto que tentamos retratar a complexidade e riqueza desse mundo.

2. Objetivos

2.1 Gerais

- Construir uma revista que trabalhe com o tema da memória para a disciplina de Redação Jornalística 4 no curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFPE;
- Realizar as etapas de produção de uma revista integrando as atividades dos membros do grupo, permitindo uma visão global do processo de construção de um veículo de comunicação (pauta, apuração, redação, edição e fotografia) e de seus diversos gêneros (reportagem, artigo, crônica, foto-reportagem e entrevista).

2.2 Específicos

- Trabalhar a memória no jornalismo;
- Buscar novas formas de tratar jornalisticamente as memórias dos personagens, utilizando-as como fonte primordial das temáticas discutidas nas reportagens;
- Desconstruir o imaginário sedimentado em torno dos elementos característicos da Zona da Mata Pernambucana e lançar um novo olhar sobre suas problemáticas;
- Investigar as manifestações culturais e antropológicas dos habitantes da Zona da Mata pernambucana longe de contextos festivos, atentando para suas práticas cotidianas;
- Desvendar os caminhos trilhados por personagens relacionados a essa microrregião;
- Discutir as especificidades históricas da região com foco nos seus desdobramentos.

3. Justificativa



A escolha da temática ocorreu pela própria relação paradoxal entre os estudantes, todos moradores da Região Metropolitana do Recife, e a região da Zona da Mata de Pernambuco, geograficamente mais próxima da capital, mas ao mesmo tempo política, econômica, histórica e culturalmente mais estereotipada e estranha aos seus vizinhos. A partir da proposição do tema geral da memória, surgiu a necessidade de compreender as memórias mais atuais dos residentes dessa microrregião, fugindo do olhar histórico tradicional preso às agruras decorrentes da monocultura açucareira e tentando compreender a realidade da Zona da Mata pernambucana não em números, mas em conjunto com seus personagens.

4. Métodos e Técnicas Utilizados

A partir da proposição inicial de um tema comum, feita no desenvolvimento da disciplina¹⁰, os grupos deveriam buscar subtemas e discutir os desdobramentos possíveis, a fim de construir uma revista com reportagens menos factuais e mais produzidas, de interesse humano, com possibilidades de uma maior liberdade literária e personalismo, buscando a unicidade de cada experiência relatada. As reuniões do grupo de cinco estudantes ocorriam semanalmente durante a disciplina de Redação Jornalística 4. O número de páginas da revista deveria ser pensado a partir do número de componentes do grupo, sendo que cada um deles teria, em média, a responsabilidade de produzir quatro páginas. Dessa forma, a revista deveria conter cerca de vinte páginas, além do expediente e de um editorial. Poderia haver colaborações de autoridades convidadas a escrever artigos, crônicas ou ilustrar o material, bem como parcerias na diagramação. O veículo deveria conter reportagens e pelo menos um exemplar de artigo, crônica, entrevista, podendo contar ainda com espaços para propaganda.

As duas primeiras reuniões tiveram como objetivo discutir as propostas, as justificativas para o tema e as primeiras ideias. Em seguida, o grupo deveria entregar um projeto da revista, contendo as pautas previstas, com seus respectivos repórteres, sugestões de fontes e de encaminhamento, além de uma subdivisão das tarefas entre seus membros, o número de páginas previsto e o público-alvo. Em seguida, as pequenas pautas iniciais deveriam ser mais bem apuradas e desenvolvidas pelos repórteres, que teriam em média dois meses para executar todas as suas pautas, bem como as fotografias.

¹⁰ A disciplina de Redação Jornalística 4 é obrigatória no Curso de Jornalismo/UFPE e foi ministrada pela Profa. Dra. Wilma Moraes, em 2009.1.



No terceiro mês de trabalho, as matérias foram editadas e revisadas. A revista foi diagramada em um processo que deveria unir texto e estética de maneira complementar na construção dos sentidos que deveriam ser provocados pelo material final.

Com o material previamente diagramado, o editor pode ler todo o conteúdo dentro do seu contexto imagético a fim de produzir um editorial que abarcasse a totalidade dos elementos do periódico. Por fim, o material, já diagramado, foi novamente revisado e impresso. O produto final da disciplina não contou com nenhuma parceria ou apoio financeiro da universidade. O custo da gráfica foi desembolsado pelos próprios estudantes.

5. Descrição do Produto e da Produção

A Revista Massapê teve um processo de produção desafiador, por se tratar de um tema cujas fontes viviam em outras cidades nem sempre próximas e o telefone não pode ser um meio corrente de entrevista, tanto pela carência de alguns personagens em não possuírem tal aparelho, quanto pela necessidade de fotografar aquele ambiente menos conhecido que deveria ser mostrado. A fotografia foi definida como essencial e tratada desde o princípio como elemento discursivo que deveria contribuir para ilustrar e reforçar a dimensão dos problemas levantados pela revista. Na composição gráfica, a equipe optou por tons pastéis para transpassar a ideia de lembranças, além de facilitar a leitura. Fugimos um pouco do verde, cor senso comum em matérias relacionadas ao campo. Este tom apareceu na revista de forma suave ou até mesmo indireta, em fotos ou ilustrações.

Ao elaborar e distribuir as pautas, o grupo tentou conciliar as locações e as entrevistas de diversos personagens, de forma a reduzir o número de viagens necessárias. Também foi feito um rigoroso trabalho de pesquisa e apuração anterior sobre os temas, os personagens e os custos do deslocamento, visando reduzir a necessidade de um novo encontro presencial. Na redação, os repórteres buscaram narrar suas histórias menos como fatos e mais como experiências, então mesmo o trabalho prévio de apuração bem feito não engessou a pauta – seguindo a memória dos entrevistados, com toda a sua fragmentação e todas as suas surpresas, foi possível encontrar histórias únicas que dizem mais a respeito da realidade da Zona da Mata pernambucana que dados oficiais. O produto final foi uma revista de 28 páginas, com abundância visual, preocupação em fugir da monotonia cromática e a combinação de reportagens com textos mais longos e entrevistas curtas, mas bastante elucidativas. Da experiência de produção emergiu a vontade de partilhar fontes e experiências agradáveis do percurso – assim a revista é encerrada por duas páginas com



dicas que os estudantes consideraram valiosas para aqueles que querem, assim como eles, redescobrir a Zona da Mata de Pernambuco.

6. Considerações Finais

Todo o processo de discussão, produção, execução e finalização da Revista Massapê foi uma experiência valiosa para os estudantes ao fim do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, já no sétimo período, porque se constituiu em uma oportunidade rara, tanto no meio acadêmico quanto no profissional, de elaborar um material aprofundado e ao mesmo tempo em que dialoga com a composição do produto, rara no cotidiano da profissão. Além disso, a experiência proposta de uma subdivisão em funções que não excluísse por completo a participação dos integrantes de todas as etapas culminou em um produto que conseguiu reunir de fato a diversidade de opiniões da equipe.

Também pesa como experiência a liberdade de concepções e as discussões constantes em torno das pautas, que contribuíram para que a revista fosse, além de tudo, uma grande revisão das ideias que cada um dos estudantes nutria a respeito de o que seria um jornalismo de qualidade e como produzir um material diferenciado em relação ao jornalismo diário.

7. Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In:_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Açúcar** - Algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do Nordeste. Rio: edição do Instituto do Açúcar e do Alcool, 1969.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** Rio de Janeiro. Livraria José Olympio, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1994.



8. Anexo – Ficha Técnica

Revista Massapê

EDITORES | Aristeu Portela e Helena Alencar

REPÓRTERES | André Antônio, Aristeu Portela, Carly Falcão, Giselle Silvério e Helena Alencar

FOTÓGRAFA | Carly Falcão

ILUSTRADOR | André Antônio

DIAGRAMADORES | André Antônio e Helena Alencar

COLABORADORAS | Fernanda Cornils e Maiara Melo

ORIENTADORA | Wilma Morais

NÚMERO DE PÁGINAS | 28

TEMAS RELACIONADOS | Comunicação | Jornalismo e memória | Zona da Mata-PE | Êxodo | Cultura Popular | Gastronomia | MST | Ligas Camponesas | Cana-de-açúcar

*A revista possui espaços reservados à publicidade de possíveis patrocinadores que viessem a ter interesse no material.